



A COMPLEXIDADE DO ENSINO: INTEGRAÇÃO DAS TEORIAS DA APRENDIZAGEM  
NA CONSTRUÇÃO DE PRÁTICAS PEDAGÓGICAS SIGNIFICATIVAS

THE COMPLEXITY OF TEACHING: INTEGRATION OF LEARNING THEORIES IN THE  
CONSTRUCTION OF MEANINGFUL PEDAGOGICAL PRACTICES

LA COMPLEJIDAD DE LA ENSEÑANZA: INTEGRACIÓN DE LAS TEORÍAS DEL APRENDIZAJE  
EN LA CONSTRUCCIÓN DE PRÁCTICAS PEDAGÓGICAS SIGNIFICATIVAS

**José Venício da Silva<sup>1</sup>**

**Orientadora: Rozineide Iraci Pereira da Silva<sup>2</sup>**

**RESUMO:** Este artigo buscou analisar a prática pedagógica a partir da integração de diferentes teorias da aprendizagem, considerando a complexidade do processo de ensino. Fundamentado em pesquisa bibliográfica, o estudo dialoga com autores como Piaget, Vygotsky, Emília Ferreiro, Magda Soares, Paulo Freire, Gardner e Goleman, articulando contribuições do construtivismo, interacionismo, educação libertadora, inteligências múltiplas e inteligência emocional. Defende-se que o ensino não pode ser orientado por uma única abordagem teórica, mas deve resultar da integração de múltiplas perspectivas, capazes de contemplar as dimensões cognitivas, sociais, culturais e emocionais do estudante. Evidencia-se que a aprendizagem ocorre por meio da construção ativa do conhecimento, mediada pela interação social e pela linguagem, exigindo do professor planejamento intencional, diagnóstico contínuo e práticas diversificadas. Conclui-se que a articulação entre essas teorias amplia as possibilidades de uma aprendizagem significativa, contribuindo para a formação de sujeitos críticos, autônomos e capazes de intervir na realidade em que estão inseridos.

**Palavras-chave:** Aprendizagem; Prática pedagógica; Complexidade.

**ABSTRACT:** This article aimed to analyze pedagogical practice based on the integration of different learning theories, considering the complexity of the teaching process. Grounded in bibliographic research, the study engages with authors such as Piaget, Vygotsky, Emília Ferreiro, Magda Soares, Paulo Freire, Gardner, and Goleman, articulating contributions from constructivism, interactionism, liberating education, multiple intelligences, and emotional intelligence. It is argued that teaching cannot be guided by a single theoretical approach but must result from the integration of multiple perspectives capable of addressing the cognitive, social, cultural, and emotional dimensions of the learner. The study highlights that learning occurs through the active construction of knowledge, mediated by social interaction and language, requiring intentional planning, continuous assessment,

---

<sup>1</sup> Discente do curso Mestrado em Ciências da Educação na Universidade CHRISTIAN BUSINESS SCHOOL. E-mail: [vs8167721@gmail.com](mailto:vs8167721@gmail.com)

<sup>2</sup>Ph.D. Doutora em Ciências da Educação, Mestre em Ciências da Educação pela Universidade Federal de Alagoas-UFAL, Psicopedagoga, Pedagoga, Analista do Comportamento Aplicada, Especialista em Escrita Acadêmica Avançada, Professora do Ensino Superior e professora orientadora da Christian Business School-CBS. E-mail: [rozineide.pereira1975@gmail.com](mailto:rozineide.pereira1975@gmail.com). <https://orcid.org/0009-0000-6863-7874>



and diversified practices from the teacher. It concludes that the articulation of these theories expands the possibilities for meaningful learning, contributing to the development of critical, autonomous individuals capable of transforming their reality.

**Keywords:** Learning; Pedagogical practice; Complexity.

**Resumen:** Este artículo tuvo como objetivo analizar la práctica pedagógica a partir de la integración de diferentes teorías del aprendizaje, considerando la complejidad del proceso de enseñanza. Basado en una investigación bibliográfica, el estudio dialoga con autores como Piaget, Vygotsky, Emília Ferreiro, Magda Soares, Paulo Freire, Gardner y Goleman, articulando aportes del constructivismo, interaccionismo, educación liberadora, inteligencias múltiples e inteligencia emocional. Se sostiene que la enseñanza no puede orientarse por un único enfoque teórico, sino que debe resultar de la integración de múltiples perspectivas capaces de abarcar las dimensiones cognitivas, sociales, culturales y emocionales del estudiante. Se evidencia que el aprendizaje ocurre mediante la construcción activa del conocimiento, mediada por la interacción social y el lenguaje, lo que exige del docente una planificación intencional, evaluación continua y prácticas diversificadas. Se concluye que la articulación de estas teorías amplía las posibilidades de un aprendizaje significativo, contribuyendo a la formación de sujetos críticos, autónomos y capaces de intervenir en la realidad en la que están insertos.

**Palabras clave:** Aprendizaje; Práctica pedagógica; Complejidad.

## INTRODUÇÃO

A educação contemporânea tem sido marcada por intensos debates acerca das melhores formas de promover a aprendizagem significativa dos estudantes. Nesse contexto, diversas teorias pedagógicas foram desenvolvidas, cada uma oferecendo contribuições relevantes para a compreensão do processo educativo. Entretanto, a adoção isolada dessas abordagens revela-se insuficiente diante da complexidade que caracteriza o ato de ensinar e aprender.

Diante disso, este artigo tem como objetivo analisar a prática pedagógica a partir de uma perspectiva integradora, que articula diferentes correntes do pensamento educacional, como o construtivismo, o interacionismo, a educação libertadora, as inteligências múltiplas e a inteligência emocional. Parte-se da compreensão de que o ensino de qualidade exige reconhecer a aprendizagem como um fenômeno multifacetado, que envolve dimensões cognitivas, sociais, culturais e emocionais.

Metodologicamente, trata-se de uma pesquisa bibliográfica, fundamentada em autores como Piaget, Vygotsky, Emília Ferreiro, Magda Soares, Paulo Freire, Gardner e Goleman. A relevância deste estudo reside na defesa de uma prática pedagógica que supere a fragmentação teórica, promovendo a integração dos saberes em favor de uma aprendizagem mais significativa.



## **2. A Complexidade do Processo de Ensino-Aprendizagem e a Necessidade de Abordagens Integradas**

É cada vez mais frequente o questionamento acerca dos melhores métodos de ensino e aprendizagem tendo em vista a garantia do direito de aprender dos estudantes e o sucesso daqueles que ensinam. Nesse contexto, é preciso que se diga que há uma verdade em cada método, ao mesmo tempo em que nenhuma metodologia utilizada de modo isolado, abarca a verdade do ensino. Isso significa, que aprender é algo complexo. Melhor dizendo, um ensino de qualidade envolve uma variedade e simultaneidade de abordagens e fazeres pedagógicos.

Em se tratando de alfabetização, não se ensina apenas a ler e a escrever. O estudante precisa aprender a técnica da escrita e aplicá-la aos diversos contextos no qual a mesma está inserida. Para isso, ao alfabetizar, o professor também deve treinar o aluno para outras habilidades, sem o que, o estudante não conseguirá fazer uso de modo adequado e satisfatório do código linguístico que aprendeu.

Tudo isso, evidencia, a veracidade da tese, que acima foi proposta, a saber, a de que ensinar é um processo complexo, e que por isso, exige do educador, diversas abordagens, atitudes, fazeres pedagógicos, que uma vez utilizados corretamente, poderá potencializar e efetivar uma aprendizagem real e consistente.

As contribuições de vários teóricos como Piaget, Vygotsky, Goleman, Gardner, Emília Ferreiro, Magda Soares e Paulo Freire, deixam claro o quanto o processo de ensino aprendizagem é multifacetado e neste sentido, envolve vários fatores. Assim, antecipando a conclusão desse trabalho, pode -se dizer que para bem ensinar e bem aprender, o educador precisa conhecer bem as diversas teorias e convencido da verdade de cada uma, aplicar em cada realidade educativa os princípios fundamentais que sustentam o sistema desses pensadores.

Assim sendo, levando em conta os autores citados, pode-se afirmar que um ensino de qualidade do ponto de vista da metodologia envolve elementos construtivistas, interacionistas, emocionais, habilidades múltiplas e o manejo simultâneo e complexo desses diversificados pensamentos em prol da garantia do aprendizado do discente. Não se trata de uma tarefa simples, pois envolve a pesquisa, observação constante, diagnóstico sistemático e intervenção cotidiana de modo a tornar acessível àquele que estuda, os



assuntos abordados fazendo-o compreender significativamente e aplicar o que esses aprendizados em contextos diferenciados.

Essas considerações servem apenas para consolidar e ratificar a teoria de Edgar Morin referente ao Pensamento Complexo enquanto competência necessária não somente à maneira de pensar como também ao sistema educacional e mundial como um todo. Em uma palavra, a Complexidade deve ser o próprio paradigma da realidade humana, tornando possível uma educação de fato de qualidade e a resolução de problemas locais e globais mais real e satisfatória.

Sendo assim, acreditando no sucesso da integração dos saberes em prol da resolução de uma questão, faz-se aqui uma abordagem de como os princípios de cada teórico contribui de modo relevante para o aprendizado dos estudantes em geral e de modo específico para aqueles que estão no processo de alfabetização.

## **2.1 Construtivismo e Desenvolvimento Cognitivo: a Construção Ativa do Conhecimento**

Para Piaget, a criança aprende construindo o conhecimento internamente levando em conta os processos de Assimilação e Acomodação em cada etapa dos Estágios de Desenvolvimento Cognitivo. Assim, aprender significa internalizar novas informações e incorporá-las aos saberes já existentes utilizando a associação entre o que se sabe e o que estar aprendendo culminando em um ajuste ou mudança da própria estrutura de conhecimento como resultado adicional de novos saberes.

Esses processos são chamados de Assimilação e Acomodação. Eles devem ser estimulados pelos educadores constantemente através de atividades significativas que tornem acessíveis o aprendizado por parte dos estudantes. Essa acessibilidade exige que se provoque o aluno de acordo com a peculiaridade do Estágio de Desenvolvimento Cognitivo em que ele se encontra. Em outras palavras, o discente deve ser estimulado a assimilar e acomodar um conhecimento que seja conforme o nível de desenvolvimento mental em que ele se encontra. Assim Piaget define Assimilação e Acomodação:

A assimilação consiste na incorporação de um objeto ao esquema de ação existente, enquanto a acomodação é a modificação do esquema de ação em função das particularidades do objeto assimilado (Piaget, 1977, p. 43).

As etapas de desenvolvimento são quatro e por elas passam todas as pessoas. A primeira delas se chama Sensório-Motor. Nessa fase, a criança deve ter de 0 a 2 anos de



idade e seu modo de aprender funciona pelos sentidos e pelo manuseio do corpo. Nesta hora, a pessoa está desenvolvendo habilidades básicas como, engatinhar, rolar, andar, perceber os gostos, diferenciar sons e imagens. Nesta etapa também, a criança já consegue ter a noção de permanência de objetos, o que significa que ela sabe que um carro de brinquedo existe mesmo que ele esteja escondido naquele momento.

Piaget considera que os Estágios de Desenvolvimento Cognitivo são:

A sucessão de estágios do desenvolvimento cognitivo corresponde a uma organização progressiva das estruturas mentais, desde o sensório-motor, passando pelo pré-operatório, até o concreto e o formal (Piaget, 1959, p. 17).

Ensinar a assimilar e acomodar informações e habilidades nesse período, requer uma proposta de atividades baseadas no movimento, na dinâmica, no brincar e explorar situações e ambiente com o corpo. Pois, somente assim, a criança poderá desenvolver competências essenciais que lhe são possíveis para esta etapa de seu desenvolvimento.

Na idade de 2 a 7 anos, a criança vivencia o estágio Pré-Operatório. Aqui ela já domina a linguagem e a imaginação. Ao mesmo tempo, tem dificuldades com o ponto de vista dos outros e também não consegue assimilar os conceitos de conservação. Esta etapa é favorável ao ensino baseado nas diversas linguagens, na criatividade e na interação com os colegas. Nessa fase continua sendo extremamente importante uma educação baseada em atividades lúdicas, dinâmicas, imaginativas e baseadas em uma linguagem acessível a realidade deles.

Dos 7 aos 11 anos, os discentes vivenciam a etapa definida como Operatório-Concreto. Neste momento, já é possível assimilar conceitos lógicos em um nível concreto. Neste sentido, o professor pode aproveitar para ensinar diversos temas adaptando o acesso a essas informações ao contexto dos estudantes. De modo prático, pode-se usar dramatizações, mapas físicos, hortas, passeios, jogos matemáticos, trabalhos em grupos e outras tantas possibilidades, para tornar concreto o aprendizado daquilo que se ensina.

Por último, tem-se o estágio Operatório-Formal que começa nos 12 anos em diante. Esta é a fase do pensamento abstrato e que, portanto, torna possível a compreensão de ideias que não estão ligadas aos sentidos ou ao corpo e nem a experiência concreta. Ideias filosóficas como os princípios éticos, as fundamentações das ciências e outros, podem ser compreendidos e pensados e debatidos pelos estudantes através do pensamento hipotético e analítico. Eles já conseguem formar opiniões baseadas em evidências



científicas e filosóficas. Cabe ao professor instigar o discente para que o mesmo se esforce pense de modo sistemático, coerente, crítico e complexo.

Levando em conta os processos de assimilação e acomodação e os estágios de desenvolvimento da aprendizagem, o docente precisará agora se apropriar de cada etapa e se programar para ensinar significativamente percebendo o que o aluno pode e não pode aprender, o que ele consegue se for instigado e também se na etapa em que se encontra, o mesmo mostra habilidades que condizem com a fase vigente. Caso contrário, feito o diagnóstico, o professor deve ensinar propondo atividades conforme o nível mental de desenvolvimento do aluno. Por exemplo, pode acontecer que por algum motivo, o estudante que do ponto de vista biológico se encontra na fase Pré-Operatória, acaba estando no estágio Sensório-Motor. Assim, o professor deve estar sensível para lecionar com atividades em nível Sensório Motor, sem descuidar de temas de nível Pré-Operatório.

## **2.2 A Psicogênese da Língua Escrita e os Processos de Construção da Alfabetização**

Foi inspirada em Piaget, que Emília Ferreiro, aplicou a ideia de construção do conhecimento para os processos de alfabetização. Segundo ela, a criança constrói gradativamente o conhecimento da Língua Escrita. Essa construção se dá pelas formulações de diversas hipóteses arriscando o que vem a ser a escrita. No livro Psicogênese da Língua Escrita Ferreiro e Teberosky afirmam que:

A aprendizagem da leitura não é um simples processo de associação entre sons e letras. Trata-se, antes, de uma reconstrução ativa por parte da criança, que passa por diversas fases ou níveis conceituais (FERREIRO & TEBEROSKY, 1999, p. 22).

Assim, a criança passa por um processo que vai desde associar a fala oral a sinais que nada tem que ver com a escrita padrão, até a fase em que ela consegue perceber que a escrita é na verdade, uma representação da fala só que essa representação acontece na forma de letras, de modo que cada palavra é segmentada em partes menores até o ponto de reduzir as partes da palavra ao menor som possível. Esse som pequeno seria a letra ou fonema, que no caso do alfabeto são 26.

O primeiro momento da construção interna do conhecimento da língua é chamado de Pré – Silábico. Usa-se esta expressão pelo fato de que o aprendiz utiliza símbolos para escrever que nada parece com a escrita como é conhecida. Isso acontece porque ele ainda não relacionou a língua falada com a língua escrita. Deste modo, escreve sinais totalmente fora da escrita padrão. Se ele for escrever a palavra “casa”, talvez a represente com três asteriscos ou o próprio desenho da casa.



Já na segunda etapa, o estudante começa a relacionar os sons das palavras com a língua escrita. Assim, ele cria uma hipótese mais refinada sobre a escrita, pois começa a perceber a sonoridade da própria palavra, o que lhe permite escrever e entender as primeiras sílabas. Essa fase é chamada de Silábica. E nesta hora, o aluno já é capaz de usar letras para representar as palavras. Essas letras, porém, ainda não seguem a lógica convencional da escrita. Deste modo, pode acontecer que a escrita da palavra “casa” não seja feita com todos os fonemas que a compõe, mas somente com alguns.

Em um terceiro momento, a noção da escrita avança ainda mais internamente na estrutura cognitiva do discente. E agora ele faz uma transição para a compreensão da parte mais pequena da palavra. Ele transita entre a sílaba e as letras do alfabeto. E isso faz com que sua escrita de palavras se pareça muito com a convencional. Afinal ele avançou na identificação dos sons que compõem cada termo, tornando possível identificar quase todos os fonemas. Essa fase é chamada de Silábica – Alfabética.

Avançando ainda mais na aprendizagem da língua escrita, o aprendiz chega a fase de relacionar cada letra ao seu som e percebe esse som unido a letra em cada palavra e isso torna possível a escrita da palavra como deve ser, muito embora ainda possa aparecer erros ortográficos e gramaticais. Essa é a etapa Alfabética.

A explicação dessas etapas da aprendizagem da língua escrita evidencia que a alfabetização é um processo gradual e construída internamente no sujeito de modo significativo. Nesse sentido, o docente precisa estar atento ao discente e notar o quanto ele vai evoluindo na medida que são proporcionadas atividades significativas apropriadas ao seu estágio de desenvolvimento.

O professor precisa notar que o aprendizado acontece por etapas e também, que ele é construído. E essa construção obedece a lógica do momento cognitivo que o estudante se encontra. Cabe ao educador se apropriar do conhecimento de cada etapa, fazer o diagnóstico de cada estudante e lhe acompanhar no avanço rumo a alfabetização.

### **2.3 A Indissociabilidade entre Alfabetização e Letramento na Prática Pedagógica**

Essa alfabetização, com efeito, não deve ser realizada ou promovida desligada do letramento. Muito pelo contrário, ela deve acontecer ao mesmo tempo em que se aplica o ensino do letramento. Segundo Magda Soares, a alfabetização, fornece a técnica para ler e escrever, enquanto que o letramento proporciona o uso da técnica de leitura e escrita às situações que as envolve. De modo ainda mais preciso Soares afirma que:



A alfabetização, como processo de apropriação do sistema alfabético e ortográfico de escrita, e o letramento, como processo de inserção nas práticas sociais de leitura e escrita, devem ocorrer simultaneamente. Um não pode ser separado do outro sem prejuízo para o desenvolvimento pleno da competência leitora e escritora (Soares, 2004, p. 22).

Assim, por mais que em um dado momento seja mais necessário focar em um ou outro aspecto dos processos simultâneos e interdependentes, não se deve com isso, achar que se pode promover os dois processos isoladamente. Além disso, essas duas habilidades devem ser alcançadas em contato com o texto, o que significa que a criança deve está exposta à totalidade dos elementos que juntos traduzem a linguagem.

Magda Soares, ressalta a importância do diagnóstico para perceber o que o aprendiz já sabe e para a partir disso traçar um planejamento de atividades que leve em conta seu estágio de desenvolvimento, sua fase da escrita e as devidas sequências didáticas a serem desenvolvidas em torno do texto enquanto se alfabetiza letrando.

#### **2.4 Interação Social, Linguagem e Mediação: Contribuições do Interacionismo**

Além de construir o saber pelos processos de assimilação e acomodação levando em conta os estágios de desenvolvimento cognitivo e as hipóteses formuladas pelo estudante durante o processo do aprendizado e também a integração e simultaneidade desses elementos, existe um outro aspecto da aprendizagem de relevância estupenda e que não pode deixar de ser levado em conta: refere-se aqui a ideia de interação.

É preciso considerar que a aprendizagem não acontece apenas de dentro para fora. Não é apenas construção interna pela assimilação e acomodação. Ela envolve também o meio, o contexto, a cultura, a linguagem e a mediação. O meio porque, o ser humano é também um produto do meio. Isso significa que se não fosse a sociedade e a convivência com outras pessoas, um homem não seria o que é. Ele precisa conviver e interagir com outros homens para se aperfeiçoar e aprender a ser e adquirir as habilidades sociais e mentais.

Assim, o aprendiz precisa da interação. Essa interação começa na família e continua nos outros meios e espaços que ele frequenta. Pode ser a escola, a igreja, as amizades e relacionamentos diversos. Onde quer que esteja o ser humano está interagindo e isso lhe proporciona desenvolvimento e aprendizado.

Essa interação acontece pela linguagem que por sua vez é aprendida desde cedo com a convivência na família. A linguagem não é apenas um meio de comunicação, mas



também a própria condição do pensamento. Em outras palavras, sem linguagem não se pensa, ou pelo menos não se pensa como se pensa que a pessoa pensa. Quando criança o ser humano demonstra uma linguagem egocêntrica na qual ele fala consigo mesmo usando palavras sonoras o que torna isso notado por todos a sua volta. Se ele brinca ele descreve o ato de brincar, quando na verdade está externalizando os pensamentos que está tendo enquanto se diverte. Quando faz uma atividade que envolve leitura, tende a ler em voz alta, mesmo quando a sala precisa de silêncio. Isso ocorre porque a linguagem interna ainda não se desenvolveu.

Na medida que vai crescendo, essa linguagem egocêntrica vai sendo substituída pela linguagem interna que é essa que agora o leitor está usando enquanto ler e interpreta os significados do que leu. E essa linguagem é uma construção humana e por isso faz parte da cultura, que além da linguagem proporciona o aprendizado de muitas outras coisas que gerações passadas e presentes fizeram como as ciências, artes, política, educação etc. o que leva a conclusão de que, ensina-se pela cultura na forma de linguagem e o objeto ensinado consiste nas outras tantas coisas que a cultura conserva e torna possível o acesso.

O ensino da cultura pela linguagem deve ser realizado no contexto em que o estudante se encontra. Em outras palavras, tudo deve ser adaptado a realidade daquele que está aprendendo de modo que lhe faça sentido e lhe seja acessível. Essa acessibilidade depende da mediação do professor. É aí que entra a missão do professor em se apropriar da linguagem adequada para ensinar a cultura para os estudantes. Para isso ele precisa fazer um diagnóstico da sua turma e de cada aluno para saber o que cada um já faz sozinho e o que só o fará se for com a ajuda de outrem. Somente assim, ele poderá atuar, naquilo que Vygotsky chama de Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP). No livro *A Formação Social da Mente* ele define a Zona de Desenvolvimento Proximal dizendo:

A zona de desenvolvimento proximal é a distância entre o nível de desenvolvimento real, que se costuma determinar através da solução independente de problemas, e o nível de desenvolvimento potencial, determinado através da solução de problemas sob a orientação de um adulto ou em colaboração com companheiros mais capazes (VYGOTSKY), 1987, p. 112).

Assim, o docente usa a linguagem adequada com base naquilo que o estudante precisa aprender com a ajuda do professor para ensinar a cultura de modo interativo. Isso porque é na interação que se aprende. Deste modo, pode-se promover diversas atividades



que envolvam essa interação entre os diversos pares: aluno com professor, aluno com aluno, aluno com professor e escola, escola com a comunidade.

Nesta etapa reflexiva, pode-se dizer que um ensino real e efetivo deve levar em conta que se aprende construindo internamente o que é ensinado por assimilação e acomodação, ao mesmo tempo em que o meio é essencial para esse aprendizado uma vez que as informações a serem assimiladas e acomodadas ao cérebro são mediadas pela linguagem que juntamente com as outras informações são elementos culturais. Levar em conta o meio significa promover diversas interações, propostas conforme o que cada um pode aprender com a mediação do docente.

## **2.5 Educação Libertadora e Formação da Consciência Crítica**

O ensino baseado na fase de desenvolvimento e na ideia de construção interna, na integração e simultaneidade entre alfabetização e letramento, na mediação do professor que leva em conta o que se pode aprender com ajuda pela linguagem e a cultura, deve ter como pano de fundo, um propósito e finalidade que é a libertação do estudante ou sua transformação pessoal e social.

Se não houver essa finalidade a educação, em última instância, replicará a cultura tal como estar deixando de lado a possibilidade de mudar o que precisa ser mudado. E para Paulo Freire, a mudança não vem da escola e sim daqueles que passam pela escola, a saber, os discentes. Mas para que os mesmos se tornem esses agentes de mudança é necessário um ensino engajado na realidade da comunidade e do aluno.

Assim, o professor e a escola precisam pensar o projeto pedagógico no chão da realidade que querem transformar. Deste modo, os assuntos abordados precisam fazer sentido e serem ensinados de modo crítico e conscientizador. Para isso o professor precisa ser um ser de diálogo. Ele deve dialogar com a realidade de seus estudantes e com eles próprios, mergulhando no universo de cada discente e partindo do que ele vive provocar o despertar para a transformação. Sobre o diálogo, Paulo Freire afirma na Pedagogia do Oprimido que:

O diálogo é uma exigência existencial. Não há diálogo, porém, se não há um profundo amor pelo mundo e pelos homens. Se não há humildade, se não há uma intensa fé nos homens. O diálogo implica em uma relação horizontal entre os que dialogam. Desta maneira, para que o diálogo se estabeleça, é preciso que o educador saiba ouvir o educando e o respeite como sujeito de sua própria aprendizagem (FREIRE, 1987, p. 78).



O diálogo exige que se aproveite os conhecimentos e experiências que o estudante

já sabe, o que se chama de saber prévio, porque é anterior a sua abordagem sistemática do assunto em sala. A aula deve ser montada a partir dos temas geradores que dependendo do estágio de desenvolvimento do discente e daquilo que ele pode aprender com ajuda traduzem um explicar o tema da aula a partir do que desperta o interesse no aprendiz. E partindo daquilo que lhe interessa ou do que ele sabe ou vive, promove-se a conscientização gerando a consciência crítica e o despertar para a transformação depois de discutir amplamente não somente o problema, mas também soluções ou possibilidades.

Feito isso, o professor e a escola devem fazer uma reflexão da prática confirmando e fortalecendo o que deu certo e deu resultados positivos e fazendo novos ajustes a partir do que não deu certo ou que funcionou, mas que agora deve ser adaptado para outro nível de aprendizado.

## **2.6 Diversidade de Inteligências e Dimensão Emocional na Aprendizagem**

O que foi dito até agora, no que toca ao ensino construtivista simultâneo ao interacionista e libertador, fornece a base para o estímulo a um plano de aula que leve em conta a multiplicidade de inteligências e o aspecto emocional. Com efeito, as diversas contribuições das teorias da aprendizagem deixam subentendido que o espaço da sala de aula deve ser um palco para se trabalhar diversas habilidades ao mesmo tempo.

Cada estudante é único e nem todos aprendem do mesmo jeito. Também nem todos têm as mesmas habilidades. Assim, Gardner afirma que existem diversas inteligências e apesar de que todos têm em algum nível um pouco de cada, existem aqueles que se destacam mais em umas do que em outras. Ele mapeia 8 inteligências incluindo a emocional de Goleman. Assim Gardner ratifica sobre as inteligências:

A teoria das inteligências múltiplas postula que cada ser humano possui várias formas de inteligência, e que estas inteligências operam de maneira relativamente independente. Não há uma única forma de inteligência dominante; em vez disso, a inteligência deve ser entendida como um conjunto de habilidades variadas"(Gardner, 1994, p. 33).

As inteligências são Linguística, Matemática, Intrapessoal, Interpessoal, Naturalista, Corporal, Musical e Espacial. Cada pessoa se inclina mais para uma ou algumas dessas habilidades, muito embora todos em alguma medida têm um pouco de cada. Goleman, por sua vez, enfatiza a importância das habilidades emocionais, que envolve a inteligência Intrapessoal e Interpessoal. Em outras palavras, para ele, cada pessoa deve aprender a reconhecer, aceitar e gerenciar suas próprias emoções, ao mesmo tempo em que deve



reconhecer, aceitar e influenciar as emoções dos outros para atingir objetivos pessoais e coletivos.

Nas palavras do Goleman, sobre a Inteligência Emocional:

A inteligência emocional inclui habilidades como o autocontrole, o entusiasmo, a empatia, a capacidade de motivar a si mesmo, e de perseverar diante das frustrações. Estas habilidades podem ser mais determinantes para o sucesso na vida do que o quociente de inteligência (QI) (GOLEMAN, 1995, p.54).

Esse elenco de habilidades instiga o professor a perceber as multiplicidades de capacidades a que as pessoas tendem e por causa disso a aula precisa promover, embora não fuja do tema e nem do tempo, o máximo de atividades múltiplas possíveis. Dizendo de outro modo, o docente e a escola precisam levar em conta que se existem capacidades diversas em cada pessoa e se cada pessoa tende mais para atividades específicas, então ele deve planejar uma aula que contemple os diversos perfis estudantis e habilidades.

Fazer isso, significa promover um aprendizado múltiplo e respeitar a diversidade de inteligências dos estudantes. Assim, uma aula deve conter ou promover procedimentos que envolvam aprendizado visual, auditivo e cinestésico.

Não fazer isso é uniformizar o ensino e considerar que todos são iguais e aprendem do mesmo modo. Nessa linha de raciocínio, não se promove ensino significativo se a forma dar aula for sempre a mesma. Ou seja, uma abordagem de um assunto deve ser aproximada da realidade do estudante, contextualizado, adaptada a linguagem, feita para uma conscientização em vista da transformação, promover a interação, respeitar os estágios de desenvolvimento e considerar o que se aprende com ajuda. Somado a isso, o plano deve conter atividades diversas em suas formas como abordagens que envolvam imagens, sons e movimentos corporais.

Portanto, se é verdade que todos são iguais em direitos e liberdade, não é verdade que todos sejam iguais pelo aprendizado. Isso porque existem diversas formas de aprender conforme mostra a variedade de inteligências. Além disso, o aprendizado precisa ser libertador e para isso deve se provocar informações que sendo significativas sejam assimiladas e acomodadas as estruturas cerebrais. Essas informações são mediadas pela cultura através da linguagem tendo o professor como facilitador do processo mediante um diagnóstico que lhe permita identificar o que vai ensinar e que o estudante irá aprender se obtiver ajuda na interação com docente e com colegas de aula.

A análise realizada evidencia que o processo de ensino-aprendizagem é complexo e não pode ser reduzido a uma única abordagem teórica. Ao contrário, exige uma postura integradora por parte do educador, capaz de articular diferentes contribuições teóricas em sua prática.

As teorias estudadas demonstram que aprender envolve construção cognitiva, interação social, desenvolvimento emocional e diversidade de habilidades. Nesse sentido, sua integração amplia as possibilidades de uma educação mais significativa e inclusiva.

Além disso, a perspectiva da complexidade reforça a necessidade de compreender o ensino de forma contextualizada e dinâmica. Assim, conclui-se que cabe ao professor apropriar-se criticamente dessas teorias e construir práticas pedagógicas coerentes com a realidade dos estudantes, contribuindo para a formação de sujeitos autônomos e transformadores.

## REFERÊNCIAS

- FERREIRO E, TEBEROSKY A. *Psicogênese da língua escrita*. Porto Alegre: Artmed, 1999; 300 p.
- FREIRE P. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987; 184 p.
- GARDNER H. *Estruturas da mente: a teoria das inteligências múltiplas*. Porto Alegre: Artmed, 1994; 340 p.
- GOLEMAN D. *Inteligência emocional*. Rio de Janeiro: Objetiva, 1995; 370 p.
- PIAGET J. *A psicologia da criança*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1959; 160 p.
- PIAGET J. *Problemas de psicologia genética*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1977; 210 p.
- SOARES M. *Alfabetização e letramento*. São Paulo: Contexto, 2004; 128 p.
- VYGOTSKY LS. *A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores*. São Paulo: Martin.